

Tratamento diferenciado nos EUA

■ Pacientes brasileiros que buscam tratamento em hospitais de Nova Iorque já tem assessoria para quebrar barreiras culturais

FLAVIA SEKLES
Correspondente

WASHINGTON – Onde há mercado, se criam novos serviços. E, na medida em que a medicina se globaliza, os brasileiros vão cada vez, mais aos Estados Unidos para cirurgias ou tratamentos em alguns dos melhores centros médicos do mundo. Por isso, os hospitais americanos estão se preparando para atrair pacientes da América Latina.

Em Nova Iorque, uma das cidades de mais fácil acesso aéreo para os brasileiros, o New York Hospital-Cornell Medical Center (NYH-CMC) criou o Departamento Latino Americano, cujo diretor é o psiquiatra brasileiro Roberto de Paula, um carioca radicado há 20 anos nos EUA.

Um dos pioneiros no estudo da psico-oncologia – efeito das emoções no desenvolvimento do câncer e o impacto psicológico da doença –, Roberto sempre se interessou por pacientes brasileiros nos EUA. “Percebi que existia a necessidade de alguém que entendesse os pacientes que vêm do Brasil para se tratar aqui,” diz o médico.

A familiaridade dos brasileiros com seus médicos é bem diferente do relacionamento entre os americanos e os profissionais de saúde. “Procuramos médicos no Brasil pensando mais no relacionamento social do que na eficiência do tratamento. Mas amizade não é garantia de qualidade de tratamento. E a maioria das técnicas aplicadas aqui também são praticadas no

Brasil. A diferença está justamente na qualidade”, explica.

Nos EUA, os médicos são menos amigos e mais provedores de serviços. Um médico americano não se ofende se o paciente busca uma segunda opinião sobre um tratamento proposto. Ter uma segunda opinião é regra. A privacidade dos pacientes é de grande importância em, ao mesmo tempo, os médicos não deixam o paciente invadir sua vida particular.

Ponte – Roberto tenta criar uma ponte entre a cultura do médico americano e a do paciente brasileiro. Seu trabalho tem dois objetivos. O primeiro é atrair pacientes para um dos maiores centros hospitalares de Nova York, o NYH-CMC que tem oito hospitais afiliados, inclusive o Sloan Kettering Memorial.

Além disso, Roberto tem a missão de fazer com que esses pacientes se sintam em casa, e não em uma terra estrangeira, no momento em que estão especialmente vulneráveis.

Para quem pensa duas vezes antes de buscar médicos americanos, o especialista argumenta que os benefícios de se tratar nos EUA compensam qualquer desconforto cultural. Um deles é a qualidade dos centros médicos americanos, especialmente aqueles ligados a universidades, onde o médico está sempre se renovando e expandindo seu conhecimento. Roberto lembra que o investimento na renovação da instituição é contínuo. O NYH-CMC, por exemplo, inaugurou recentemente uma nova ala, onde investiu US\$ 960 milhões.

“No Brasil houve um sucateamento da medicina nos últimos

anos”, avalia o médico. “Um profissional que tem consultório não pode simplesmente fechar as portas para fazer cursos de aperfeiçoamento. Aqui, o nível de complicações resultantes de procedimentos médicos é estatisticamente muito mais baixo do que no Brasil”, aponta.

Pacote – Atualmente, Roberto recebe uma média de cinco pacientes brasileiros por mês. Alguns têm seguros que cobrem os gastos no exterior. Outros pagam do próprio bolso. Roberto acredita que financeiramente não é desvantagem se tratar nos EUA. Seu hospital oferece pacotes de tratamento que incluem todos os custos. Uma operação cardiovascular, por exemplo, custa aproximadamente US\$ 40 mil, e um transplante de medula

custa cerca de US\$ 110 mil.

Os custos incluem desde a consulta inicial pelo correio (o paciente envia resultados de testes, ou diagnósticos), aos procedimentos médicos, hotel para familiares. Além da qualidade alta e custo relativamente baixo, Roberto destaca outro benefício: a garantia da privacidade do paciente. Seguindo a regra ética da medicina americana, Roberto se recusa a informar o nome de qualquer paciente que já passou por seus cuidados.

O NYH-CMC – que está fundindo suas operações com o Columbia Presbyterian – aumentará para oito hospitais sua rede em Nova Iorque e está negociando, com instituições brasileiras, acordos de cooperação para a troca de informações e serviços.